

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

Clínica e filosofia da diferença: tecnologias de intervenção na clínica grupal.

Muylaert, Marília.

Cita:

Muylaert, Marília (2011). *Clínica e filosofia da diferença: tecnologias de intervenção na clínica grupal*. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/53>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/79y>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

CLÍNICA E FILOSOFIA DA DIFERENÇA: TECNOLOGIAS DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA GRUPAL

Muylaert, Marília

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras/Assis-SP - Departamento de Psicologia Clínica. Brasil

RESUMEN

No Serviço de Saúde Pública à comunidade, vinculado ao Projeto de Atendimento em Clínica da Diferença, tem a proposta de trabalhar com Recepção Contínua e em Grupos Terapêuticos Abertos. A procura na Clínica Escola acontece não se limitando a meses letivos, abertura de vagas ou a proposta de programas, mas que se expressa cotidianamente, propondo as mais legítimas questões. Organizamos um Serviço de Atendimento que acolhe a demanda dos inscritos e que seja dispositivo para processos em agenciamento, colocando-se à disposição dos encontros em devir; desfocando as problemáticas do indivíduo, para a construção de problematizações, auto-geridas e coletivas; ficando atentos aos movimentos das singularidades que as compõem; produzindo tecnologias conceituais que possam sustentar valores vitais e desenhar estilísticas da existência, que sejam as políticas que cada corpo assume na vivência destes valores. Nada ao Encontro Clínico é indiferente, sendo esta sua qualidade e potência de afetação. Para tanto, propomos a Recepção Contínua como um vetor de agenciamento para o Grupo Aberto como recorte do mundo, onde diferentes modos de sentir se encontram. É, também, através da vivência do finito-ilimitado que os modos de grupalizar são possíveis, experiências sempre finitas, infinitos jeitos de fazê-las proliferar.

Palabras clave

Clínica Esquizoanálise Grupos Escola

ABSTRACT

CLÍNICA E FILOSOFIA DA DIFERENÇA:
TECNOLOGIAS DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA
GRUPAL

In the Public Health Service to the community is engaged to the Project Clínica da Diferença, that proposes to work with Continue Reception and Open Therapeutic Groups The search to the Psychological Services happens not limited to the academic months, vacancy's opens or the thematical's proposal of the programs, but express itself daily, proposing the most legitimate subjects. Like this to organize a Service of Attendance that welcomes the demand of those enrolled and that is dispositive for processes in to the connection's process; being attentive to the movements of the singularities that compose them; producing conceptual technologies that can sustain vital values, and to draw stylistic of the existence, that are the politics that each body assumes in the existence of these values. Nothing to the Clinical

Encounter is indifferent, being this your quality and affectation potency. For so much, we propose the Continue Reception as a connection vector, where that invitation can be accepted; the Open Group as cut of the world, where different ways of feeling meet. It is, also, through the finite - unlimited experience that different ways of grouping can be possible, experiences that are always limited, but unlimited way to make than grow.

Key words

Clinical Esquizoanalysis School Groups

A partir da atuação em um Serviço de Saúde Mental Pública, ligado à Universidade Pública, a Clínica Escola, nos coloca um campo de problematização logístico, estratégico e de produção de tecnologias para a cartografia das questões oriundas desta relação. A imbricação destes sentidos incididos numa mesma relação, nos "obriga a pensar" (Rolnik, 1993), a formular modos de ir produzindo relações com "ordenadas intensivas" (Deleuze, 1992), ferramentas de viver, não respondendo ou re-agindo às demandas, nem investindo poderes institucionais - Psicologias, Universidade Pública, Estado, Saúde Oficial, entre outros - ou redundando em procedimentos normo-adaptativos. Quando Psicologia e Coletivo encontram-se num mesmo movimento, a Clínica Política vai maquinando estratégias de ação, tomadas sempre de um Coletivo (e, portanto, multiplicidade, variação, duração, partículas de singularidades), fazendo história, produzindo saberes singulares, tecnologias de viver.

Assim, inevitável ficar sensível aos modos como a procura aos Serviços de Psicologia acontece, não se limitando a meses letivos, abertura de vagas ou a proposta de programas, mas que se expressa cotidianamente, propondo as mais legítimas questões, muitas, desconhecidas para nós. Os encaminhamentos de outras Instituições Públicas ou Privadas, ligadas as mais diversas ordens de inserção social, política ou de atendimento, além da expressiva clientela que se inscreve, nos dá sinais das expectativas e efeitos da relação da Clínica Escola e seu diagrama de alcance - o próprio atravessamento de uma ideia que desestabiliza os sentidos instituídos, a vida criando seus modos. Assim sendo, como organizar um Serviço de Atendimento que não nos envolva num turbilhão de listas e esperas contidas, que

seja dispositivo para processos que buscam parcerias? No cotidiano, aprendemos a cada relação, respostas provisórias que não legitimam o uso de modelos, mas a experimentação de práticas. Aprendemos modos de produção híbridos, que ganham complexidade a medida que nos co-implicamos no processo: multiplicidade de perspectivas, variações no campo intensivo, visibilidade das fissuras valorativas que determinam os regimes de sensibilidade que lhes dão sustentação: Deslocando a questão de minimizar a fila de espera - como um paradigma de eficiência - para colocar-se à disposição destes encontros convidativos em devir; Desfocando as problemáticas do indivíduo, para a construção de problematizações, coletivas, atentos aos movimentos das singularidades que o compõem, instituindo, ao mesmo tempo, suas questões e projetos de ação. Disponibilizando a complexificação dos acontecimentos como vital no acolhimento das diferenças, indicativo de sua efetuação. Nada ao Encontro Clínico é indiferente, sendo esta sua qualidade e potência de afetação. *Tomar, enfim, em análise, os funcionamentos e seus efeitos, experimentar ao invés de conjecturar, ocupar-se dos maquinismos que insistem na produção de outros modos de existência, esquecer-se de si e de sua história e encontrar-se na criação* (Benevides, Passos, 2004).

Através do paradigma ético-estético-político, trabalhamos com o conceito de Clínica como Clinamem e os efeitos desta condição sobre o campo clínico. Deste modo, as problematizações incidem sobre a relação intercessora que se pode produzir no Encontro Clínico, aqui tomado no sentido que Espinosa imprime quando propõe o *corpo como processo em seu poder de afetar e ser afetado* e, ao mesmo tempo 'Um' encontro, onde os corpos são "sistemas abertos funcionam em rede" (Maturana/Varella), produzindo este corpo no Grupo. Nesta condição, trabalhar a concepção de homem-mundo que este pensamento impõe e as relações e buscas que o homem pode então empreender. Ainda como efeito deste processo, pensar o Encontro Clínico também a partir da Análise Institucional e, portanto, em sua vertente política e de constituição do Espaço Público, despatologizando o cotidiano.

Então, nossas práticas refletiram a construção destes artefatos clínicos de intervenção e, ao mesmo tempo, outras teorizações sobre o Encontro Clínico. Mestiçagem como tecnologia: Potência de gestar no corpo artificialidades que maquinam as diferenças. Potência de *gestação de mundos* (Rolnik, 1992).

Aproximar a reflexão do mundo das questões colocadas na Clínica e seus atravessamentos, dos regimes de sensibilidade e dos modos de existencialização dos corpos propicia a construção de ferramentas teórico-práticas de modo crítico. Afirmamos sua perspectiva *intercessora* e as ordenadas intensivas impostas por esta inscrição.

Evidenciam-se os processos que tornam o Agenciamento Clínico um potente analisador dos vetores relacionais, abrindo possibilidades de abertura aos proces-

sos de *individuação*, pois... (...) *ninguém sabe de antemão de que afectos é capaz, não sabemos ainda o que pode um corpo ou uma alma, é uma questão de experimentação, mas também de prudência* (Pelbart, 2009). Constituem-se nestes fazeres conjuntos, um modo de acolhimento dos modos de subjetivação que aparecem como processuais e parciais. Sendo esta Clínica um modo de exercer esta processualidade, o que são construídos nesta prática Clínica são artefatos tecnológicos de combate aos modos hegemônicos de produção da Subjetividade, alicerçados em sentidos endurecidos e conservadores, que visam o controle das populações e disciplina dos corpos, compósito dos mecanismos do biopoder.

Implicamos nossas ações em modos de existencialização, em estilísticas da existência que apontem para a diversidade e pluralidade do mundo, investindo no registro político. Fazendo deste pulsar uma pluralidade sempre em movimento, vamos criando intimidade com a provisoriidade das formas que o multiverso das forças vai articulando em sua passagem. principalmente no tocante à *singularização* das ações terapêuticas com caráter transdisciplinar e multitudinal, buscando a autonomia dos indivíduos em processos autogestivos coletivos. Desde a inserção no Serviço com a Recepção Contínua, trabalhar com Grupos efetua a miscigenação de materiais, pesquisa suas possibilidades de variação, de ações em parceria, ou seja, na produção de relações singulares no fazer clínico.

As teorizações emergentes da prática com grupos implicam uma mescla de técnicas, onde a experimentação de muitos ritmos e movimentos é constituinte do campo. Um encontro que deve expressar sua magnitude: a gentileza, a seriedade, o calor do interesse ativo. Interesse que visa à singularidade dos processos que, naquele corpo, se conjugam. Interesse não pelos segredos íntimos que dizem de um desejo interiorizado, mas pelos secretos processos coletivos e os modos como se apresentam, mais que nos corpos, neste encontro. Fazer um inventário dos valores que aquele corpo sustenta: seus interesses, suas tendências, aquilo que lhe importa. E, a partir disso, a que condições de funcionamento estes valores, assim valorados, suportam.

Corpo e Implicação: Um encontro onde os corpos são "sistemas abertos funcionam em rede" (Maturana/Varella), produzindo este corpo no Grupo. Ao mesmo tempo, o *corpo como processo em seu poder de afetar e ser afetado* (Espinosa).

O corpo neste encontro, encontra-se em estado de disponibilização de passagens, como uma prontidão para relaciona-se e, através desta atenção singularizada nesta ambiência, ser afetado pela imanência valorativa dos corpos em relação. Dizendo de outro modo, estar atento aos movimentos dos corpos no campo a partir daquilo que importa para cada corpo, o que tem valor. Pois é exatamente o traçar deste diagrama valorativo, os modos como o campo relacional vai variando de acordo com o movimento destas afecções.

Isto significa, também, que esta imanência valorativa está sendo avaliada pelos dispositivos relacionais, encontra-se transversalizada pela condição expressiva que este processo dispara nos corpos. Não é senão através destas lentes que os sentidos são produzidos, pela hierarquia de valores que são expressas na materialidade das ações dos corpos. Nos gestos e olhares que imantam nossa atenção em sua direção, alinhando esta hierarquia, fazendo assim a lógica destes sentidos.

Destas experimentações, a análise da *implicação* (Lo-reau, 1995) propicia (...) *reconhecer que a ação entre o sujeito e o mundo é constituinte e, ocupar um lugar nele é poder mudar a si próprio e ao mundo.* (França, 2001). *A noção de implicação, (...) inclui uma análise do sistema de lugares, o assinalamento do lugar que ocupa o pesquisador, daquele que ele busca ocupar e do que lhe é designado ocupar, enquanto especialista, com os riscos que isto implica* (Idem, ibidem)... pois, o inconsciente é maquínico, engendrativo, conectivo, *“nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento.”* (GUATTARI/ROLNIK, 2005:385).

Este modo de estar/fazer implicado impõem, num mesmo movimento, os investimentos de uma clínica aberta ao encontro com a alteridade e a produção de cartografias dos movimentos do desejo no desenho de territórios existenciais. A exigência vital é colocar-se como intercessor nestes processos de composição de territórios existenciais, conectados em produções e aparatos tecnológicos de ação terapêutica.

Recepção Contínua: Os diversos modos de abordar qualquer problemática humana podem abrir, facilitar, investir outros trajetos possíveis para estes impasses desde nossa afecção por eles. Se isto acontece, então podemos acessar uma variável multiplicidade de componentes que concorrem tanto para complexificar o campo, como para experimentar afecções e modos inéditos. É preciso que certa ambiência seja forjada de maneira que acolha este Encontro e ative sua potência relacional. Um preparo, uma antecipação - não um planejamento, uma ética; não um método, um programa; não uma interpretação, uma experimentação ativa de modos de viver. *Construir políticas públicas na máquina do Estado exige todo um trabalho de conexão com as forças do coletivo, com os movimentos sociais, com as práticas concretas no cotidiano dos Serviços de Saúde* (Benevides & Passos, 2005).

Por isto a Recepção compreende um primeiro contato com este novo campo problemático, este outro modo dos movimentos da vida expressar sua estranheza em cada corpo, as dores de sua passagem, o estranhamento desta mais nova diferença ora apresentada ao campo como a atual problemática

Diante dos modos de subjetivação contemporâneos que apontam, predominantemente, para a patologização da vida em seus movimentos; diante do confronto cotidiano dos corpos e os dispositivos de controle normativo; das políticas da 'expressão referendada', que limita a constituição das formas ao que pode ser nomea-

do - mesmo que negativamente a esta própria política; a busca incessante do conhecimento e integração do 'eu' - que nos captura na interioridade fechada de uma história cronológica determinante...

A noção de processo colabora na colocação de balizas neste campo, compondo o saber que nos coloca sempre 'no meio' - nem no princípio nem no fim - justapostos no parear desta varredura intensiva do campo, deixando pistas de trilhas antes impensadas... *Porque para nós, a subjetividade se define por uma atividade de produção. (...) mas é o próprio sujeito que aparece como um produto, i.e., como o resultado de um processo de produção que é sempre da ordem do coletivo. E se pensamos esta inseparabilidade entre o individual e o coletivo, entre o pessoal e o político, entre o privado e o público é porque entendemos a subjetividade atravessada por estes múltiplos vetores e, conseqüentemente, sendo ela mesma múltipla.* (PASSOS, E.; BARROS, R. B, 2003)

Assim, a Recepção tem início mesmo antes do agendamento, nesta coleta de materiais, corpos e conceitos de cujo amalgama é composto este momento, (...) *a invenção de um novo território onde tal problema será necessariamente outro. A solução de um problema se confunde com a criação de um outro problema* (PASSOS, E.; BARROS, R. B, 2003). Uma Entrevista que *recepção* e não proceda a uma triagem, dá pistas dos traços e alinhavos de que é composta, do paradigma que sustenta suas modulações conceituais, de quais linhas de sentido pretendem-se reafirmadas ou decompostas. Temos então um encontro que não se baliza pela regularidade ou temporalidade de modo formal, mas singular, o que se traduz em exploração da complexidade que passa a habitar cada problema abordado, cada faceta e seus matizes. Não num infinito desenrolar de fios de um tecer também infinito, mas como as linhas soltas que se fazem alinhavos para a construção de um outro plano de invenção de estratégias, posto ser processo e, portanto, (...) *menos como método ou inventário de procedimentos e formas de ação e mais como um processo constante de invenção de estratégias de intervenção em sintonia com os novos problemas constituído* (PASSOS, E.; BARROS, R. B, 2003).

Neste sentido, estamos dispostos a convidar qualquer material para esta mistura, desde que esteja precisamente posicionado nas coordenadas de sua expressão - diferentemente de ter um lugar prévio ou adequado - mas, que seja antes lícito, porque vital.

Grupo, Grupo Aberto: A priorização de ações singulares é uma das diretivas do SUS que também compõe com os processos de Humanização da Saúde, por disponibilizar e investir na complexificação dos acontecimentos como vital ao acolhimento das diferenças e de sua efetuação no Espaço Público.

A sensibilidade à demanda aqui é tomada como um analisador e vetor de indicação de ações a partir da perspectiva que avalia também as demandas por diferenciação, de *individuação*. Modulações produzidas a

partir de encontros solidários, a afirmação de valores que sinalizam relações ecológicas, de parceria. Com a priorização dos atendimentos a Grupos, na modalidade 'Aberto' - que são construídos partindo do recebimento constante de novos membros como estratégia de acolhimento coletivo e construção autogerida de parcerias - é usada como dispositivo e estratégia de ação. *Recortes do mundo*, onde diferentes modos de sentir se encontram. É, também, através da vivência do finito-ilimitado que os modos de grupalizar abertos são possíveis, experiências sempre finitas, infinitos jeitos de fazê-las proliferar. O próprio caráter transdisciplinar, multitudinal, entra no jogo destes processos - variados movimentos, em temporalidades diversas, com gradações de potência de efetuação. É a própria aposta no caráter processual dos movimentos dos corpos que possibilita estes estares e fazeres provisórios, porém precisos e eficazes (...) *uma processualidade, isto é, um se fazendo* (Passos e Barros, 2000).

O Grupo Aberto proporciona, em sua provisoriedade, o encontro de diversos modos de sentir e estar no mundo, eles próprios multiplicidade de registros e atravessamentos que dão o tom daquela vida, de uma singularidade. Tal pluralidade, investida na relação, abre um campo de acolhimento de devires na produção da subjetividade infantil, na processualidade que evidencia seu caráter coletivo e de grupo.

Relação de Parceria: A Relação de Parceria visa favorecer o estabelecimento de redes e propiciar, como efeito, o *cuidado*. *Rede contra rede. Acreditamos que não há como escaparmos das redes e por isso a estratégia é a de constituirmos outras redes: redes quentes, i.e., redes não comprometidas com a exploração capitalista nem com o terror, mas sintonizadas com a vida, redes autopoieticas. Redes públicas que envolvem a dimensão coletiva da existência e que estão comprometidas em processos de produção de subjetividades não dominadas pelo pânico, pela dívida, pela depressão. Este é o compromisso clínico-político que nos anima.*

Estar numa *relação de parceria* com outro será sempre um movimento a se fazer junto, um caminho que se faz caminhando, um encontrar-se que produz saber, que produz conhecimento. Objeto e método se estabelecendo num só e mesmo movimento: um outro paradigma - também de Ciência - produzindo outras tecnologias de vida. Nos implicamos com o outro no acompanhar dos múltiplos movimentos do desejo e suas possibilidades de conexão, percebendo as forças organizadoras de sensibilidade e privilegiando as conexões criativas que no próprio encontro se produzem.

Cartografia como método: *Cartografar* através do Encontro Clínico como espaço/dispositivo, (...) *não implica em sistematizar, tampouco em organizar, e tampouco em atitude neutra por parte do sujeito-cartógrafo. Na cartografia, percorre-se os espaços de ruptura e de propagação. Procura-se desaprender os códigos, embaralhá-los mesmo, aguçar as sensações, abrir o cor-*

po, para torná-lo passagem das vozes/imagens do mundo ainda não conhecido e experimentado (FONSECA; KIRST, 2004).

A *Cartografia* acompanha os movimentos, os corpos, as singularidades e se faz no mesmo movimento, com o desmanchamento de certos mundos - perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos (MARQUES; CZERMAK, 2008). Agregando elementos antes insensíveis, invisíveis, indizíveis ao campo vivencial, a cartografia dá visibilidade a potências até então capturadas em conjunções problemáticas. Por isso, nenhum material é indiferente ao campo clínico.(...) *os intercessores não podem ser pensados fora da relação de interferência que se produz entre domínios... Compreende-se, portanto, que o intercessor é uma noção funcionalista cujo sentido não pode ser apreendido senão no interior de uma certa operação - operação de encontro, contágio, cruzamento que desestabiliza e faz diferir. (...) Assim se apresenta a clínica, para nós. O que nos interessa são modos de subjetivação e, neste sentido, importa-nos poder traçar as circunstâncias em que eles se compuseram, que forças se atravessam e que efeitos estão se dando. No lugar do indivíduo, individualizações. No lugar do sujeito, subjetivação (...)* (Passos: E.; Benevides, R. 2005). A relação terapêutica forma uma rede que se estende aos lugares de expressão social dos indivíduos/coletivos atendidos, fazendo cortes, atravessamentos, limiares, conexões sem fim. Não há o interesse pela privatização dos afetos ou pelo atendimento do "caso", mas sim a experimentação dos grupos que habitam as relações.

O outro é parceiro nas formas, contornos e movimentos. Considerá-lo enquanto tal é (...) *estabelecer laços (ligações feitas com capricho); admitir e suportar a impotência de não ter respostas; lutar para não estabelecer regras à priori; insistir em composições que potencializam a vida; duros passos cambaleantes e movediços no traçado de trilhas provisórias* (MUYLAERT, 2000, p.27).

O grupo é um *dispositivo*, nele acionam-se tensões, movimentos, deslocamentos para outro lugar o que provoca agenciamentos e novas produções de ações, transformações, atravessamentos de diversas forças e abertura aos devires. *Nada mais propiciador para essa abertura (de devires e de subjetividades) que o encontro entre pessoas, momento privilegiado de troca de afetos e intensidades onde, na afetação pelo outro, os indivíduos podem deslocar-se de lugares cristalizados, experimentando o novo em si e no outro. Experiência absolutamente criativa de invenção de si na vivência grupal.* (MARQUES; CZERMAK, 2008, p. 363).

BIBLIOGRAFÍA ATUALIZADA E VÍDEOS

Benevides, R./Passos, E. - Clínica, política e as modulações do capitalismo - Revista Lugar Comum, RJ, ISSN 14158604, n. 19-20, jan-jun de 2004, pp. 159-171; Ano 2004.

Deleuze, G. Crítica e Clínica. São Paulo: Ed.34, 1997.

Deleuze,G.; Guattari, F.: Mil Platôs Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Fonseca, T.; KIRST, P. O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica. In: Psicologia & Sociedade; 16 (3): 29-34; set-dez. 2004.

França, S. A. M.: O olhar da cidade e o excepcional, 2001. UNESP Assis/SP.

Giacomel, A. et al. Trabalho e Contemporaneidade: o trabalho tornado vida. In: Fonseca, T.; Kirst,P Cartografias e devires: A construção do presente. RS: Editora UFRGS, 2003.

Lourau, R.: A Análise Institucional, Vozes, São Paulo, 1995.

Marques, C. de C.; Czermak, R. "O olhar da Psicologia no abrigo: uma cartografia". Psicologia & Sociedade; 20 (3): 360-366, 2008.

Muylaert, M. Corpoafecto: o psicólogo no hospital geral. São Paulo: Escuta, 2000.

Passos, E.; Barros, R. B. Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade. In: Tânia Mara Galli Fonseca; Patrícia Gomes Kirst (Org.). Cartografias e devires. A construção do presente. Porto Alegre, 2003, v. 1, p. 81-89, 2003.

Passos, E. Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo. EntreLinhas do Conselho Regional de Psicologia CRP-07, Porto Alegre, p. 8-9, 2000.

Rolnik, S. - Pensamento corpo e Devir - Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

Pelbart, P.: Próximo Ato - Itaú Cultural, http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2647